

O ASTRÁGALO

um filme de **BRIGITTE SY**
a partir do romance de **ALBERTINE SARRAZIN**
com **LEILA BEKHTI** e **REDA KATEB**



O romance autobiográfico da escritora argelina Albertine Sarrazin (1937-1967) que está na base deste filme foi, durante décadas, o livro-talismã de Patti Smith, que o levava consigo para todo o lado. “Albertine foi a minha guia através das noites de cem sonhos”, escreveu no apaixonado prefácio de *O Astrágalo*. A obra conta a história do amor louco de Albertine por Julien, um fora-da-lei que conheceu sete anos antes (em 1957), quando se arrastava pela estrada, após ter saltado o muro da prisão, e partido o osso do pé que dá título ao livro. A adaptação de Brigitte Sy acompanha Albertine desde esse encontro até à radical separação dos amantes. Tirando proveito dramático do formato largo da imagem e do seu sedutor p&b, Sy traça o retrato de uma heroína livre e moderna, para quem a escrita é uma verdadeira segunda pele.

MINHA ALBERTINE

por Patti Smith¹

Talvez seja errado falarmos de nós mesmos quando escrevemos sobre outrem, mas pergunto-me se na verdade me teria tornado no que sou, sem ela. Ter-me-ia continuado a comportar com o mesmo atrevimento ou enfrentado as adversidades com esta tenacidade feminina, se não tivesse Albertine como guia?

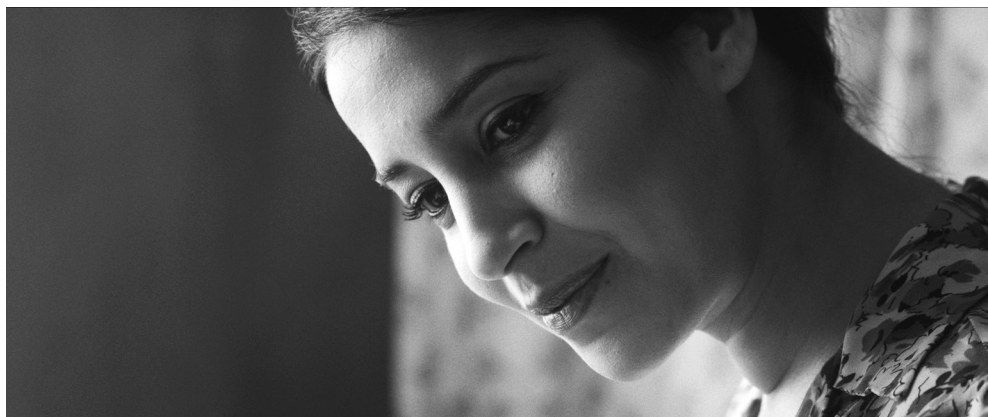
Os poemas que escrevi quando era jovem teriam a mesma força mordaz sem ter tido *O Astrágalo* como livro de cabeceira? Descobri-a, de forma acidental, quando vagueava por Greenwich Village, em 1968. Era Dia de Todos os Santos, facto que mais tarde registei no meu diário. Estava com fome e a precisar de um café, mas primeiro passei pela Eight Street Bookshop para dar uma vista de olhos nas promoções. Havia colecções da *Evergreen Review* e traduções obscuras das editoras Olympia e Grove Press – novas escritas que a população evitava.

Eu andava à procura de alguma coisa que tinha mesmo de ter: um livro que fosse mais do que um livro, com certos sinais que me pudessem levar por um caminho inesperado. Senti-me atraída por um rosto surpreendente e remoto – impresso em roxo sobre fundo preto – numa capa poeirenta proclamando que a sua autora era uma “Genet no feminino”. Custava 99 cêntimos, o preço de uma tosta de queijo e um

café no Waverly diner, do outro lado da Sexta Avenida. Eu tinha um dólar e um bilhete de metro, mas depois de ler as primeiras linhas estava conquistada – uma fome derrotou a outra e eu comprei o livro.

O livro era *O Astrágalo* e o rosto da capa pertencia a Albertine Sarrazin. Ao voltar a Brooklyn de metro, devorando o exemplar já usado, fiquei apenas a saber que ela tinha nascido em Argel, era órfã, estivera a cumprir pena e escrevera dois livros na prisão e um em liberdade, e morreria pouco antes, em 1967, quase a fazer 30 anos. Encontrar e perder uma possível irmã quase ao mesmo tempo tocou-me profundamente. Estava a aproximar-me dos 22 anos, longe de Robert Mapplethorpe. Previa-se que aquele ia ser um Inverno duro, já que tinha deixado o calor de certos braços pela incerteza de outros.

O meu novo amor era um pintor que aparecia sem avisar, lia em voz alta passagens de *Nossa Senhora das Flores* de Genet, fazia amor comigo e depois desaparecia durante semanas. Essas foram noites de uma centena de sons: nada acalmava a minha agitação. Estar presa no drama da espera – pela musa, por ele – era uma tormenta maliciosa. As minhas próprias palavras não bastavam; apenas as de outrem poderiam transformar a infelicidade em inspiração.



Em *O Astrágalo* encontrei essas palavras, escritas por uma rapariga oito anos mais velha do que eu, já morta. Não havia nenhuma entrada sobre ela na enciclopédia, e por isso tive de a construir (tal como tinha feito com Genet) a partir de cada sílaba, com o entendimento de que as memórias de um poeta devem mover-se entre falsidades de forma a desmascarar a verdade.

¹ Texto de Patti Smith, introdução da edição americana de *Astragal*, New Directions, N.Y, 2013. [NdaT].

Fiz café, coloquei as almofadas na cama e comecei a ler. *O Astrágalo* foi o osso que fundiu os factos e a ficção. Condenada a sete anos por assalto à mão armada, Anne, uma rapariga de 19 anos, salta o muro da prisão, uma queda de mais de nove metros. Ao cair parte o tornozelo e, sob uma miríade de estrelas impiedosas, parece estar desamparada. Pequena, mas rija, arrasta-se pelo chão, tentando chegar à estrada.

É misericordiosamente ajudada por outra alma em fuga, um pequeno criminoso chamado Julien. Ela observa-o e percebe que ele também estivera preso, porque exala um odor a ex-presidiário. Atravessam a noite gelada na sua moto. Antes de amanhecer, ele deita carinhosamente o seu corpo de criança no berço de um contacto. Mais tarde, levam-na para um quarto no andar de cima, de uma família disfuncional e desconfiada, depois para a casa de um amigo de um amigo. É assim que vai passando – a sua chamada libertação – a ser depositada numa série de esconderijos.



Escreve em crises de rebeldia. Como eram os seus sonos? Seriam mais tranquilos quando estava na prisão e não tinha de olhar constantemente sobre o ombro? Como terá sido durante a evasão, perguntando-se se cada par de olhos semicerrados não revelariam uma traição iminente? A sua perna lesionada está envolvida em gesso, mas o mais doloroso é o facto de Julien ter aberto uma ferida no seu coração de marginal. O seu intenso desejo por ele é quase uma prisão em si. Ela não tem outra escolha senão deixar-se ser levada de esconderijo em esconderijo. Hermes com um tornozelo partido, cruelmente tatuado com uma asa mercurial vazada da sua velocidade. A heroína é condenada a esperar pelo seu precioso rufia. Julgamentos, erros, prisões e pequenas alegrias constituem a sua história. São personagens da vida de um livro que ela escreveu. Eu imaginava-a já não aleijada, mas livre, com uma saia a direito e uma blusa sem mangas apertada acima da cintura, com uma faixa de *chiffon* à volta do pescoço. Ela tinha um metro e meio, mas não era nenhuma peça de porcelana – era mais um pedaço de dinamite que na explosão poderia não matar, mas certamente provocaria estragos. A sua capacidade de avaliar uma situação, de ler cada gesto dos seus clientes ou do seu amante, é profunda, os seus comentários rápidos e acutilantes. “Querias carregar-me com o fardo do teu amor.” Tem um calão vívido e próprio – uma gíria salpicada com latim. Uma Genet no feminino? Ela é ela própria.

Possui um estilo único, inquiridor, mas intelectual: “Eu fugi perto da Páscoa mas não havia nada a ressuscitar dos mortos.”

Esta perspicácia poética – “astuta e purificada” – percorre a sua narrativa como um rio estreito a passar pelas rochas; uma veia negra que se quebra e se reencontra.

Albertine, a pequena santa dos escritores independentes. Quão rapidamente fui arrastada para o seu mundo – pronta a escrevinhar pela noite fora, com canecas de café a ferver e a parar apenas o tempo de refazer o risco nos olhos com Maybelline. O seu jovem mantra foi aceite com todo o coração, o meu espírito maleável infundido.

“Quero partir, mas para onde? Seduzir, mas quem? Escrever, mas o quê?”

Juntarmo-nos à legião Albertine implica necessariamente saudar a sua tradutora Patsy Southgate. Em 1968, ela

estava também sob o radar – uma loura deslumbrante com os olhos azuis gélidos de um *husky*, que escrevia e traduzia para a *Paris Review*. Encontrar uma fotografia dela sentada num café de Paris depois de ter cortado as suas tranças loiras foi uma revelação. Coloquei-a na parede ao lado de Albertine, Falconetti, Edie Sedgwick, e Jean Seberg – raparigas de cabelo curto, as raparigas do meu tempo. Patsy Southgate era um enigma. Filha do privilégio e da negligência, soube instintivamente como entrar em *O Astrágalo*, e poderá ter sentido uma afinidade secreta com o seu objecto.

Era inteligente, complicada e arrastada com paixão para qualquer vestígio da cultura francesa: uma coqueluche expatriada dos pós-Beats e famosamente adorada por Frank O’Hara. Uma criança só e severamente disciplinada, tinha uma governanta francesa chamada Louise que lhe dava mais carinho do que os seus pais. Quando Louise voltou para Paris para casar, Patsy ficou devastada: passou grande parte do tempo a desesperar pela sua mãe imaginária, a verdadeira mãe da alma francesa que inventara para si. Durante a sua curta vida, Albertine também desesperou para saber a identidade da sua mãe. Nasceu e foi abandonada na Argélia em 1937, baptizada Albertine Damien pelos Serviços Sociais e baptizada Anne-Marie quando foi adoptada. As suas origens foram sempre questionadas e talvez apenas uma amostra de ADN fosse capaz de as revelar. Seria ela filha de uma dançarina adolescente espanhola e de um marinheiro? Ou era a filha ilegítima do seu pai adoptivo e da criada argelina judaica? Romance e controvérsia em qualquer dos casos, e a base para uma existência marginalizada. Era uma



coisinha precoce, e por mérito dos seus dons – era excelente em latim, literatura e violino – deveria ter tido uma vida musicalmente rica e uma educação académica. Mas a falta de um colo protector e uma série de acontecimentos violentos mudaram o seu caminho para sempre. Aos dez anos, foi violada por um membro da família do padrasto. Depois de tentar fugir, os pais mandaram-na para um reformatório de raparigas paradoxalmente chamado Bom Pastor. Era um sítio duro, onde ela era humilhada e onde lhe retiraram o seu nome de baptismo, Anne-Marie. Aos 13, tinha um caderno de lombada em espiral, um registo precioso das suas observações perspicazes; foi confiscado depois de o perfume de lírios-do-vale que usava ter sido considerado demasiado forte. Era pequenina e bonita, armada da vontade discernível de Joana D’Arc ao ser julgada, e fugiu do reformatório para as ruas de Paris para eventualmente levar uma vida de prostituta e pequena ladra. Aos 18 foi presa, com uma cúmplice, por roubo à mão armada e condenada a sete anos de cadeia. O seu último deslize valera-lhe quatro meses de prisão em 1963 por palmar uma garrafa de whiskey. Escrevia todo o tempo: durante a adolescência, no amor e no abandono, dentro e fora da prisão, escrevia.



A vida é muitas vezes o melhor filme. O dela terminou tristemente, num hospital, onde, fatigada, sorria para o seu amante, Julien, entregando depois o seu destino a um anestesista negligente. Que sonhos havia debaixo daquelas pálpebras cobertas de Maybelline enquanto estava a ser transportada – um futuro com Julien, paz e prosperidade, o reconhecimento? Todos eram possíveis, porque finalmente estavam ao virar da esquina. Eles tinham-se casado e despedido do crime. Deixou o mundo amada, mas, tal como quando nele entrou, numa nuvem de incúria. Santa Albertine da caneta de usar e deitar fora e do perpétuo lápis de olhos. Vivi no seu ambiente. Imaginei o fumo azul do seu cigarro enrolando-se à volta das suas narinas, movendo-se pela sua corrente sanguínea e cavalcando a antecâmara do seu coração. Eu estava com demasiada bronquite para fumar, mas levava um pacote de *Gauloises vertes* no bolso da saia. Andava de um lado para o outro à espera que o meu pintor viesse e me salvasse do meu presídio auto-imposto, tal como ela tinha esperado por Julien. Nunca a espera foi tão suportável, nem o Nescafé um elixir tão bom. Criei o meu próprio jargão, iniciado com *O Astrágalo* e completado com *La Cavale*, o seu romance seguinte, traduzido para inglês como *The Runaway*, com uma das grandes frases de abertura da literatura francesa: “Esta noite vesti-me a rigor para a minha entrada na prisão: casaco de peles e calças com vinco.”

Abandonada por uma esperança, encontrei outra em Sam Shepard. Quando também nós tivemos de trabalhar juntos, escrevemos o nosso canto do cisne na forma da peça *Cowboy Mouth*, e em homenagem a Albertine chamei Cavale à minha personagem, um nome que significa fuga, como ela explica no fim da peça.

Em 1976, enquanto viajava pelo mundo, levei o *O Astrágalo* numa pequena mala de metal, cheia de T-shirts com nódoas de suor, talismãs e o mesmo blusão preto que usei com uma confiança descuidada na capa de *Horses*. Era um livro da Black Cat numa edição brochada com uma fotografia de Marlène Jobert na capa. Custou 95 cêntimos, praticamente o que pagara pela edição encadernada em 1968. Levei-o para Detroit, onde conheci o meu verdadeiro Julien – um homem complexo, reservado, lindo, que me fez sua noiva e mais tarde sua viúva. Depois de ele morrer, levei *O Astrágalo* de volta comigo para Nova Iorque em 1996, embalado entre uma colecção de memórias agridoces. Antes de uma *tournee* recente por França, dei inadvertidamente com este mesmo exemplar, mas não tive coragem para o abrir. Em vez disso, embrulhei-o num lençinho antigo e transporte-o noutra mala metálica. Era

como se tivesse Albertine, num desabrochar permanente, por baixo da minha versão século XXI das T-shirts manchadas. Então, numa noite num hotel de Toronto, desembrulhei-o subitamente e mais uma vez comeci a lê-lo, revivendo o salto e o relâmpago que foi o seu tornozelo a quebrar-se e a luz dos faróis a iluminá-la enquanto o seu anjo observava o seu rosto em forma de coração. Cenas da minha vida coabitam com as suas palavras com uma força muda. E ali, entre as páginas amareladas, estava uma fotografia do meu amor, e no meio das folhas gastas, um pedaço do seu cabelo castanho liso – uma relíquia preciosa dele dentro da relíquia dela.

Não os anjos passageiros, mas os anjos da minha vida.

Um dia visitarei a sua campa com um termo de café e vou sentar-me um bocado com ela e vaporizar perfume de lírios-do-vale na sua pedra tumular - em forma do osso astrágalo, que Julien colocou em sua memória. Minha Albertine, como a adorei! Os seus olhos luminosos guiaram-me na escuridão da minha juventude. Ela era a minha guia pelas noites de centenas de sonos. E agora ela é vossa.

PATTI SMITH

[Trad. de Diana Cipriano]